

455

QUAL INFÂNCIA MORREU? *Sara Santos Myron, Sandra Mara Corazza (orient.)* (UFRGS).

A partir de entrevistas realizadas em uma escola aberta para meninos e meninas de rua, em Porto Alegre, percorrem-se entendimentos a respeito da infância contemporânea. Os relatos, tanto de professores como dos alunos, expressam a "falta de infância", verbalizada com pesar e como uma situação inaceitável. Esta "falta" é associada à ausência do brincar de esconde-esconde, de subir em árvore, de comer goiaba, etc. A busca pela sobrevivência nas ruas e a falta de uma família (por eles compreendida enquanto composta por pai, mãe e filhos) constituem fatores apontados como problemáticos para o desenvolvimento da infância e que os levam a se tornarem adultos prematuramente. Um dos objetivos da escola aberta consiste no resgate dessa infância considerada perdida. Tais concepções e ações configuram um "mapa da falta", que acaba mostrando o que a infância dos meninos e meninas de rua não tem e não são. Desde a perspectiva da filosofia da diferença, discutem-se os engessamentos e os devires produzidos por esse mapa e indaga-se: os professores buscam, mesmo nas crianças de rua, uma infância ainda idealizada? O que querem aqueles que manifestam uma "falta de infância"? A infância morreu? Qual infância morreu? O que esse luto produz? (PROPESQ/UFRGS-BIC).